



Deus
escreve

a nossa
história

A providência divina
na vida de José

Franklin Dávila

Deus
escreve

a nossa
história

A providência divina
na vida de José

Franklin Dávila

Introdução

Este texto discorre resumidamente a história de José, personagem que nos coloca na palma da mão silenciosa de um Governo Soberano, que traça e dirige a vida dos homens, seus passos e destino.

Davi ficava extasiado com a maneira como Deus forma a vida de uma criança no ventre materno. E não apenas isto, maravilhava-se com o Seu conhecimento dos mínimos detalhes da vida de sua criatura, desde o levantar até o deitar.

Antes de existirmos Deus já nos via e escreveu todos os nossos dias, “cada um escrito e determinado, quando nenhum deles havia ainda” (Sl 139.16).

Mas o que não deixa de ser misterioso e questionador é o fato de o Deus Soberano conceder ao homem a liberdade de planejar sua vida, trilhar o seu caminho e buscar alternativas, quando, de antemão, já sabemos que tudo se dará conforme os propósitos e desígnios de Deus.

A Escritura diz que o coração do homem planeja, mas é Deus quem lhe dirige os passos. Também diz que “os passos do homem são dirigidos pelo Senhor; como, pois, poderá o homem entender o seu caminho?” (Pv 20.24). Essa declaração nos leva a questionamentos e indagações.

Quantas vezes já não nos incomodamos por causa disto? E quantas vezes já não nos entregamos a esforços obstinados para obter explicações, entendimento, buscando respostas sobre o que acontece conosco? Mas as explicações sobre os fatos na vida permanecem obscuras, sem respostas imediatas. Algumas vezes até chegamos a compreender alguns detalhes de nossa trajetória, mas na maioria das vezes ficamos sem nada compreender; apenas observamos que a vida se transforma num amontoado de acontecimentos que, no nosso entender, parecem não ter relação alguma.

De fato, não podemos entender nosso caminho. Ninguém pode explicá-lo. E como poderíamos entendê-lo se os pensamentos Daquele que dirige nossos passos são mais altos do que os nossos pensamentos? Com a natureza caída que temos, outra situação não nos resta a não ser vivermos naquele estado de perplexidade diante dos fatos que vão se sucedendo, e outra coisa não podemos fazer senão nos entregarmos de maneira submissa às mãos daquele que nos criou.

A vida, a compreensão do que seja a existência humana, é algo que foge ao alcance do nosso entendimento. Sábios e piedosos como Jó, Daniel, Moisés e Paulo não entenderam nada sobre eles nem o que com eles acontecia. Por isso não escaparam também da pergunta: “por quê?”.

Neste opúsculo nos ocuparemos com alguns detalhes no tabuleiro da existência de José, o famoso José do Egito. Refletindo sobre sua história de vida podemos ver que o Senhor a escreveu. Este é o tema deste livreto: Deus escreve a Nossa História na história de nossa vida.

O amado do pai

José era o penúltimo filho de Jacó. Sua mãe era Raquel de quem ficou órfão após o nascimento de seu irmão caçula, Benjamim. Era um moço obediente, amado e apegado ao pai. Até ganhou uma bonita capa, presente este que o Espírito fez questão de registrar no livro de Deus! Porém seus irmãos mais velhos o odiavam, tinham ciúmes dele, falavam-lhe grosseiramente, eram impacientes com ele. Tudo ficava mais tenso quando José lhes contava os sonhos que tinha durante a noite. Eles não suportavam ouvi-lo contar esses sonhos, e havia dois que os incomodavam muito: um, era aquele que seus irmãos atavam feixes e o dele se levantou e os feixes dos irmãos o rodeavam e se inclinavam. Seus irmãos indignados perguntavam-lhe: “então reinarás sobre nós? Sobre nós dominarás?”. O outro sonho era que o sol, a lua e as estrelas se curvavam perante ele. Até Jacó, que considerava no coração os sonhos do filho e neles meditava, estranhava esse sonho.

Tendo seus irmãos ido apascentar o rebanho da família, Jacó o enviou para saber notícias deles. Quando o viram se aproximar disseram: “lá vem o tal sonhador!”. Então maquinaram contra ele, inclusive alguns desejaram matá-lo, no que foram contidos por Rúben. Resolveram então colocá-lo numa cisterna e ele, entre angústias e lágri-

mas de quem pressentia o que estava para acontecer, suplicava a compaixão de seus irmãos para que não o deixassem naquele lugar.

Passando por ali uma caravana de mercadores que ia para o Egito eles o venderam, e para lá foi levado a fim de ser vendido como escravo. Na feira do Egito, diante dos olhos dos compradores, surgiu um alto oficial egípcio que o comprou. Seu nome era Potifar.

Virada de página

A vida de José passou por uma mudança brusca. Da casa paterna, da companhia amorosa do pai, da brincadeira com o irmão, da liberdade do campo à cisterna seca; daí foi para o Egito, para o mercado de escravos, para a servidão na casa de Potifar.

Muitas coisas me impressionam na existência humana, porém o que mais me impressiona são essas bruscas alterações no curso de uma vida, comparadas às viradas de páginas. Algumas delas acontecem processualmente, outras se dão num “de repente”, deixando o ser humano atônito, num estado de perplexidade. Lembro-me de um menino de 9 anos que “de repente” teve alguns de seus parentes mortos, inclusive sua mãe, num acidente. Fui um dos primeiros a chegar à sua residência e ele foi o primeiro a vir ao meu encontro e me fez a pergunta que homens velhos e piedosos já fizeram: “por quê?”

Isto aconteceu com José, esse de repente. Ele era novo, sem os calos enrijecidos pela experiência da vida, mas não teve como escapar daquela situação, senão suportar o que lhe estava reservado na caminhada.

Na casa de Potifar, foi encarregado de cuidar da parte administrativa e dos afazeres de rotina, e se houve de tal

maneira que não demorou a atrair para si a admiração do patrão, pois o mesmo percebeu que tudo fluía muito bem.

A Escritura tem boa palavra nessa fase inicial de José como escravo: “o Senhor, porém, era com ele”. Longe da casa paterna, saudoso da vida campestre, trabalhando dia e noite como escravo, José não fora esquecido pelo Senhor, o Deus sempre presente e que a ninguém esquece. A página de sua vida fora mudada rapidamente, abalando a estrutura de um indivíduo adolescente, ainda em formação, dependente da proteção paterna e da orientação de gente mais velha, mas que agora está longe, numa terra distante, numa região com cultura e costumes totalmente diferentes dos seus e com uma religião que levava o povo a adorar das rãs do rio Nilo ao divino Faraó. Mas o Senhor era com José.

Com certeza José tinha na cabeça aquela indagação de quando nos vemos nas bruscas viradas de página da vida, quando as coisas acontecem nesse “de repente”, abrindo diante de nós caminhos e cenários diferentes, tão impensáveis e tantas vezes hostis: “por quê?”. “Por que isto aconteceu comigo?”. No caso de José: “por que meus irmãos fizeram isto comigo?”. “Por que me venderam para ser escravo?”. E, certamente, ele fez a pergunta que os filhos de Deus tantas vezes fazem para aquele que sabemos que é o único que pode responder: “por que, meu Deus, o Senhor permitiu que tal coisa acontecesse comigo?”. “Por que, logo eu que tenho procurado ter bom coração, andar corretamente em tua presença, ser bom filho, bom irmão, e obediente a ti, Senhor!?”

Essas indagações, antes de parecerem questionamentos, na verdade são o clamor da alma nos momentos de

perplexidade. Grandes homens de Deus não escaparam dessas perguntas! Até mesmo Jó e Jesus a fizeram! Quando nossa vida sofre essas mudanças de rumo, nenhum santo se livra dos questionamentos, das indagações. Isto não é pecado, nem falta de fé, tampouco revolta contra Deus, mas algo que expressa o exato momento no qual nossa estrutura se desmonta e nossa mente perturbada se emaranha em pensamentos que exigem respostas!

Acho surpreendentemente maravilhoso que antes de todas as coisas existirem nós já existíamos na mente de Deus. Antes dele nos colocar na terra, estivemos em Sua mente. Gosto de meditar no fato de que Deus também plantou no jardim do Éden, junto com as demais árvores, a árvore genealógica de Adão e Eva; e de como o Senhor escreveu a descendência deles e incluiu nela a nossa história. Ele o fez de maneira tal que nossa história só fará sentido para nós quando estivermos lá na frente, em condições de fazermos uma leitura em retrospectiva para “entendermos” o nosso presente.

Da vida venho aprendendo que, enquanto estivermos aqui na terra, também não escaparemos desses momentos de perplexidade que alteram a nossa história. Tenho aprendido que, diante das coisas que vão sucedendo conosco, e que por causa delas sempre faremos perguntas, sobre tudo está a mão do Senhor. Não temos como responder! Não temos como explicar! “Como poderá o homem entender o seu caminho?” E, então, vamos vivendo e caminhando, e aprendendo que nossas perguntas não têm respostas e fica impossível qualquer tentativa de explicar os fatos que viraram, de repente, nossa página de vida.

A história é escrita por Deus

Nossa história de vida não é escrita por nós. Por mais absurdamente estranha que possa parecer esta afirmação, ela é bíblicamente verdadeira. Lendo a nossa própria história, não há como não considerar que a Mente Divina foi quem escreveu os nossos dias e os direcionou na trilha de seu propósito; que, por mais enigmática que possa parecer, ela vem seguindo os caminhos de Sua Vontade e atenderá ao Programa Perfeito de Redenção que vem sendo executado pelo Senhor.

Observe esse detalhe na história de José: Deus está usando a saudade do velho pai; o alívio ciumento dos irmãos; a cisterna com boca de túmulo; a caravana de negociantes que passa naquele local, na hora exata; o mercado egípcio sempre movimentado; a ida de Potifar ao mercado naquele dia, determinado a comprar um escravo; seu interesse comercial pela pessoa de José como alguém que poderia prestar-lhe serviços por muitos anos; enfim, toda essa história, com todo o sofrimento paralelo daquele adolescente, está silenciosamente obedecendo a um plano de redenção proposto por Deus que teria implicações positivas para a história e o destino da humanidade.

Era impossível para José entender estas coisas naquele momento! E quanto a nós? Porventura podemos entender

os enredos de nossa vida no presente? Que explicação podemos dar sobre a nossa vida? É o que diz a Palavra: “como poderá o homem entender o seu caminho?” (Prov 20.24).

Há um detalhe que passa sutil mas pode ser observado nesse início de história sobre a vida daquele mancebo: é que a vida de um homem não se fecha em torno de si; tampouco ela é isolada da história de vida das demais pessoas. É interessante como se inicia o capítulo 37 do livro de Gênesis: “habitou Jacó na terra das peregrinações de seu pai...” para em seguida entrar com a narrativa: “... esta é a história de Jacó... tendo José dezessete anos...” (Gn 37.1,2). Essa dança de frases aparentemente soltas traz um ensino que tem muita aplicação prática de vida, pois o que elas querem dizer mesmo é que a história de José estava inserida na história da vida de Jacó. Ela se desenrolou no contexto histórico da vida do velho patriarca. Assim, nós fazemos parte da vida de outros. Todos estão inseridos na vida de cada um e, nesse enredo, todos dependem de um e um de todos.

Essa análise filosófica pode até parecer uma construção sociológica com rimas românticas, mas é assim que Deus vem trabalhando com as vidas criadas por Ele, tendo a história de cada uma delas nas mãos, guiando-nos do céu por veredas terrenas incompreensíveis, iluminando-nos por trilhas obscuras, mas tudo conforme o propósito de sua santa vontade.

Um escravo bem-sucedido

José foi reduzido da condição de filho a escravo. Mas a Escritura diz que Deus era com José! Mesmo tendo sido feito escravo, o Senhor estava com ele e o abençoou e o tornou próspero naquela terra estranha. Esteve com ele durante todos os momentos e abençoava as obras de suas mãos. O Senhor abençoou também o patrão, que percebeu a prosperidade em sua casa. E Potifar compreendeu que isto se dava por causa do Senhor a quem José servia.

Em nossa caminhada sempre contamos com a presença abençoadora e protetora do Senhor. Sempre e em tudo somos abençoados. É maravilhoso observar que muitas vezes a tempestade surge, mas Deus provê abrigo; quando os conflitos se intensificam, Deus multiplica a sua paz; quando a escuridão nos arroteia, Deus nos ilumina; quando a sequeidão resseca a nossa alma, Deus derrama da Água Viva com mais abundante graça. Deus sempre está e estará conosco!

Mas, ao lado de tudo isso, algumas coisas naturalmente pesavam no coração de José. A vida é assim! As belas ondas do mar também destroem! O esplendoroso sol também resseca! As chuvas alagam! No instante em que uma realidade de graça nos afofa a alma, lá no horizonte,

levantam-se nuvens que anunciam dificuldades e tentações. É nessa hora que precisamos estar conscientes de que nossos pés estão na terra, de que estamos no mundo caído e de que por aqui temos lutas e provações. E José, cujo Deus estava a seu lado abençoando-o, também conheceu de perto a força do poder das trevas e os ardis do tentador.

O que aconteceu?

O laço do passarinho

Aconteceu que o diabo despertou o olhar da mulher de Potifar sobre José. Daí em diante ela passou a assediá-lo diária e ostensivamente, tornando-se cada vez mais insistente, chamando-o para o adultério. Pense: Uma mulher experiente seduzindo um jovem no raiar da juventude, que jamais conhecera uma mulher, nunca se envolvera com prostitutas, nem jamais aproveitou nenhuma oportunidade para satisfazer a força da paixão carnal juvenil que vibrava em seu corpo sadio! Sua reação foi a de um jovem santo que se separou a fim de viver para Deus, contudo o assédio continuava e várias tentativas foram buscadas pela adúltera. Mas ele a recusa e foge a cada investida.

Certo dia, no pico da tentação, na proximidade de um leito perfumado pelo adultério, no silêncio de uma casa vazia, com o cenário e a atmosfera propícios para a satisfação do intento da mulher de Potifar, ela o agarrou e o convidou para deitar-se ali com ela. Mais uma vez José escapou e brindou a todos os homens com um belo testemunho acompanhado de belas palavras de vida: “como eu cometeria tamanha maldade e pecaria contra Deus?!”

Quando se comenta sobre a Soberania de Deus, não se pode deixar de lado três atitudes que devem ser admi-

nistradas nesta estrada da vida: responsabilidade, fidelidade e temor a Deus. Sem estas três atitudes os santos podem tropeçar no caminho programado por Deus, que não excluiu as provações. É importante anotar isto, porque muitos costumam justificar seus erros afirmando que o pecado de um homem está no programa divino.

Não! Deus não tenta a ninguém e quando o homem cai, cai pela cobiça de seu próprio coração. Cai por não ter sido responsável em suas atitudes, por não ter sido fiel a seus princípios e também por não ter tido o temor a Deus que é o princípio da sabedoria.

A lição que o Espírito Santo nos dá ao relatar esta cena é que o “pecado está à porta, mas a nós cumpre dominá-lo” (Gn 4.7) e que o redimido do Senhor deve andar neste mundo de modo responsável e temendo ao Senhor.

O preço da fidelidade

José venceu a tentação! José foi fiel! Ele foi um vitorioso! Ele agiu exatamente da maneira que agrada ao Senhor.

Os olhos do Senhor o acompanhavam individualmente e Deus viu isto! Deus lhe era favorável e ele procurava satisfazer ao Senhor! Ele podia recitar: “que darei ao Senhor por todos os benefícios que tem feito para comigo?”

A partir daqui se inicia o momento mais difícil para José. Ele vai aprender que a fidelidade e o temor ao Senhor têm preço e consequências. Vai aprender, por experiência própria, que custa caro o “sim” e o “não” da fidelidade, e que é alto o preço para quem opta por permanecer em integridade num mundo caído.

Aquela atitude respeitosa e honesta de José para com o seu patrão lhe trouxe uma tremenda calúnia levantada pela mulher. A calúnia levantada contra uma pessoa de bem é muito dolorosa, fere a alma! E, como se não bastassem essas coisas, aquele íntegro jovem, moço de boa família, com boa formação espiritual, foi parar na prisão dos que ofendiam a Faraó. O sistema do mundo não tem ética e é desse jeito que ele retribui as virtudes cristãs.

Que coisa! Um moço com princípios, fiel, puro e temente a Deus vai para a cadeia por não aceitar o con-

vite para se deitar com a mulher de seu senhor. Vai para a cadeia porque uma mulher adúltera se veste de justiça para caluniar. Alguém poderá perguntar: Isto é injustiça! Onde estaria o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó numa hora dessas? Onde estaria Deus que o deixou, aquele rapazola, ser levado da liberdade para a escravidão?! Onde estaria Deus diante dessa grande injustiça? Por que nessas horas Deus se mantém distante e calado?

Perguntas assim não faltam. O “por quê?” na boca de um santo não pode passar sem nosso respeito e consideração cristã! “Por quê?” não deixa de ser uma oração, um clamor que coloca diante do trono de Deus toda uma realidade existencial que faz os cristãos sofrerem!

Mas Deus sabe tudo. Sabe o que permite e o porquê permite. Melhor é dizer como Jó: “eis que coloco minha mão à boca!”.

É humanamente impossível responder sobre os fatos que acontecem em nossa vida. Mais difícil ainda é querer explicá-los. O silêncio é, na maioria das vezes, a melhor maneira de nos posicionarmos diante daquilo que não tem explicação humana.

Temos aprendido pelas Escrituras que a vida, do princípio ao fim, está cercada de provações e tentações, sofrimentos, perigos, lutas e abismos para serem transpostos, e tantas outras coisas que fazem parte da experiência de cada um. Todavia, também aprendemos que estas coisas acontecem e que é preciso cumprir o curso dessa vereda e enfrentar o que vem, pois com elas nossas almas são preparadas e elas não escapam do propósito de Deus (Mc 10.26-30).

Vidas entrelaçadas

Filosofar sobre a vida sem a perspectiva celestial é perda de tempo. José não podia explicar o seu caminho, sua história, nem o porquê de tudo aquilo. Perguntas iam e vinham à sua cabeça, deviam perturbar sua mente, e ninguém podia dizer nada que lhe trouxesse entendimento.

Você já não percebeu que essas coisas também acontecem conosco? Quantas vezes nos vemos em situações tão complicadas que nos dão a impressão de que estamos alagados e aprisionados?

Hoje, quando lemos a história de José, sabemos que aqueles acontecimentos estavam ordenados e coordenados harmoniosamente pelas mãos divinas que lhes dirigiam para um fim determinado, segundo o Seu propósito. Os acontecimentos na vida dele não eram peças afastadas e diferentes de um grande contexto, antes, faziam parte de um todo que se relacionava com a história de outros, somando-se a de tantos outros, em seus dias e para os dias que se haveriam de projetar também para dias futuros.

Esta é uma oportuna e necessária lição para nós cristãos deste século. Precisamos aprender que os inexplicáveis acontecimentos de nossa vida sempre estarão inseridos nos contextos da vida de outras pessoas conhecidas ou

desconhecidas, de perto ou de muito longe. Deus usará a nossa vida, de uma maneira ou de outra, para o benefício de alguém, quer conheçamos ou não esse alguém. Isto é verdade. Somos também incluídos na história da vida de outros, quer os conheçamos ou não, já tenham passado ou ainda vivam entre nós.

Esse precioso assunto me conduz a pensar na história de Noemi, no livro de Rute. Ela morava com a família em Judá, feliz e satisfeita com seu marido e dois filhos. Então houve fome naquela terra e foram forçados a seguir para Moabe onde fixaram residência. Ali os filhos casaram. Não demorou muito para que seu marido morresse, e depois morressem seus dois filhos, ficando ela viúva e só com suas duas noras. A amargura e o desgosto tomaram conta de seu coração. Então, soube, por boca de vizinhos, que Deus estava de novo abençoando sua terra com fartura, e voltou para lá. Uma de suas noras, Rute, resolveu segui-la demonstrando sua determinação com a bela frase: “não te deixarei, o teu povo será o meu povo, e o teu Deus é o meu Deus”. Resumindo: as duas vieram para Judá! Rute, num certo dia, conheceu Boaz, um líder resgatador da família de Noemi, com quem se casa. Tiveram um filho a quem deram o nome de Obede, que foi o pai de Jessé, e que, dentre seus filhos, teve um por nome Davi, aquele de cuja descendência nasceu um famoso, chamado de filho de Davi, o Messias, o Senhor Jesus, Aquele que salvaria os homens de seus pecados, o Emanuel, o Rei de todos os reis!

Quem, nos dias da amargura de Noemi, poderia explicar-lhe que todo aquele sofrimento haveria de beneficiar uma quantidade inumerável de pessoas? É impressionante

como a história escrita por Deus entrelaça vidas de perto e de longe, no tempo e no espaço, tem objetivo para o momento e para o futuro, capaz de ligar céu e terra!

José no cárcere

Na história de José temos a revelação de que o Senhor também estava com ele no cárcere (Gn 39.21-23). Tanto que o Senhor o tratou com benignidade; lhe deu graça perante os olhos do carcereiro e capacidade especial para administrar o cárcere. Deus abençoou a todo o trabalho de suas mãos!

É bom repetir isto: Mesmo quando estivermos em condições adversas e o nosso espírito esteja em cárcere, não podemos esquecer que Deus está presente, conosco, que seus olhos nos observam e que o Senhor cuida dos seus filhos. Sempre estaremos sobre a palma da mão de Deus.

José foi colocado como auxiliar de administração do presídio. Já se revelara bom administrador na casa de Potifar e agora aplica seu talento na carceragem de Faraó. Pouco se sabe sobre o que se passou ali, senão que José ganhou também a confiança do diretor do cárcere e se afirmou como conselheiro dos presos. Imagino que aquela foi uma Cadeia diferente, de primeiro mundo, porque ali estava um homem que andava com Deus. O Senhor era com ele! Mesmo naquela masmorra abafada, esquecida, mas aberta diante dos olhos de Deus.

Os dias de um prisioneiro não são bons, especialmente para José que ali fora colocado e nada sabia do dia de

seu julgamento, de seu tempo de prisão. Embora José estivesse numa condição mais favorável que a dos demais, ele era um prisioneiro, estava sem liberdade para ir e vir, esquecido da sociedade; sentia-se abandonado e injustiçado. Percebemos isto quando ele, após interpretar os sonhos de dois funcionários de Faraó que lá estavam presos, pediu ao que seria liberto: “tu não morrerás, serás reconstituído ao teu cargo, voltarás a servir a Faraó, mas não te esqueças de mim quando estiveres diante dele, pois eu sou verdadeiramente inocente!” Mas o copeiro se esqueceu do pedido de José que continuou preso.

Esse esquecimento e silêncio humano é incômodo. Some-se a isso a provação de alguém se achar também esquecido de Deus. Todavia não podemos deixar de ter na mente que provações e tribulações têm tempo determinado. É importante saber que ninguém sai dos sofrimentos na hora que desejar se livrar, pois aqueles que atravessam as veredas da dor têm a hora marcada para entrar no Getsêmani e de lá sair; têm a hora de entrar no túnel do sofrimento e a hora de sair.

No livro do Apocalipse lê-se que alguns dos cristãos da Igreja em Esmirna passariam por um determinado tempo de sofrimento por causa de um encarceramento espiritual. A Bíblia está cheia da história de pessoas que passaram por momentos assim. Muitos dos Salmos retratam a experiência de filhos de Deus que desceram ao fundo do poço, ou foram reclusos no deserto, ou nas cavernas da alma.

É verdade! Ninguém sai da tribulação no momento que desejar; ou na hora que decretar sua liberdade. O livramento virá só no tempo de Deus!

Por que isso é assim?

Só Deus sabe! Provavelmente lá na frente saberemos nós, ou não? Deus sabe!

As tribulações que nos encarceram a alma têm de ser enfrentadas com as Escrituras, analisadas, todas, segundo a soberania do Deus que preordena, ordena e predestina todas as coisas. Se não for assim, a alma cai no desespero, murmuração, blasfêmia, impaciência. Por isso a leitura devocional das Escrituras acompanhada de oração nos ajuda a ver, na história de vida daqueles homens e mulheres, a escrita de Deus! Servem como exemplo perfeito para as nossas vidas.

Então, no plano de Deus, não era a hora de José sair da prisão. Por isso foi esquecido pelo copeiro chefe. E José passou mais dois anos vivendo a rotina tediosa do cárcere.

O tédio, sim, o tédio. Algumas almas são separadas para passar por isto e me parece que a grande lição que temos é Deus trabalhando conosco.

Muitos cristãos têm sido entregues à uma rotina tediosa da vida. Como Jeremias, que se viu cercado por um muro que lhe impedia a visão e a movimentação. Deus fez isto na peregrinação de Abraão; nos quarenta anos do deserto pessoal de Moisés; nos quarenta anos da vida do povo de Israel; nos quarenta dias de Elias na caminhada da fuga; nos quarenta dias no deserto da tentação de Jesus. Muitas vezes Deus nos coloca nessa situação e não temos nenhuma alternativa. Não podemos seguir outro caminho. Nada pode ser feito, e tudo o que se vier a fazer é infrutífero.

José viveu esse período. Portanto, quem vai negar a tristeza de José, seu abatimento, suas perturbações? Quem vai negar que ele também não fez a célebre pergunta do coração diante de suas tribulações: “por quê?”.

Deus intervém

Certo dia o palácio foi acordado em pânico: Faraó tivera um sonho e ficou perturbado. Todos quantos podiam ajudá-lo a entender o sonho foram chamados, mas nenhum lhe trouxe a interpretação correta. Faraó queria a interpretação do sonho de qualquer jeito, mas ninguém fora achado capaz de fazê-lo. Aí, de repente, naquele exato momento, o copeiro lembrou de José, daquele moço lá do cárcere, e foi correndo contar a Faraó sobre José. Disse: “agora lembro, ó Faraó, que, nos dias de minha prisão e da do padeiro, um jovem hebreu interpretou nosso sonho e o que ele falou foi o que aconteceu.” Então Faraó ordenou que trouxessem José, imediatamente! E assim foi feito! E para Faraó disse ele o mesmo que Daniel, ao rei da Babilônia: “só Deus tem o poder para interpretar sonho.”

Faraó ouviu atentamente a interpretação e o Espírito Santo confirmou tais palavras no coração do rei convencendo-o da veracidade dos fatos. Faraó prestou muita atenção também aos conselhos de José e reconheceu que nele estava o Espírito de Deus e disse que não havia pessoa melhor, ajuizada e mais sábia para cuidar daquela questão senão o próprio José. Faraó acrescentou: “visto que Deus te fez saber tudo isto, administrarás a minha casa, e à tua palavra obedecerá todo o meu povo, somente no trono eu

serei maior que tu. Eis que te faço autoridade sobre toda a terra do Egito.” Faraó tirou seu anel de sinete e o deu a José, fê-lo vestir roupas de linho fino e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro. Disse mais Faraó: “sem a tua ordem ninguém levantará mão ou pé em toda a terra do Egito”.

Aos trinta anos José saiu da prisão e se assentou na cadeira governamental do Egito para administrar a maior potência do mundo. Eis que “de repente” suas roupas de prisioneiro foram trocadas pelas roupas finas de alguém que agora era o segundo mandatário da maior potência de toda a terra.

Através desses fatos vemos que Deus está tecendo o embrião da trilogia sociológica, histórica e teológica da redenção de uma família, que se tornaria uma nação, um grande país de um povo redimido.

Juventude passada na prisão

Agora o convido a pensar no fato de que José passou a juventude entre a escravidão e o cárcere. No conceito contemporâneo é habitual ouvir que alguém assim perdeu a juventude, o melhor do tempo da vida. De fato, seus bons anos foram gastos no trabalho escravo e na prisão de um cárcere.

Muita gente de idade avançada convive com esse sentimento pesaroso por ter perdido o melhor tempo da vida. Culpam os pais, as circunstâncias e outros, até a igreja. José é alguém que tinha tudo para se tornar um homem revoltado, violento, rebelde, frustrado. Mas nada disso aconteceu, pelo contrário, continuou na fé de seus pais, responsável no cumprimento de seus deveres, fiel ao Senhor em todo o tempo e trilhando seus passos no temor do Senhor. Ele não perdeu a fé em Deus!

Na vida, diante das coisas que nos vão acontecendo, podemos nos desencantar com as promessas do Senhor e, porque não dizer, também com o próprio Senhor, tal como aconteceu com os discípulos de Emaús. Jamais, porém, devemos perder a fé em Deus. É preciso regar sempre a nossa fé com a Palavra pois de Deus vem a força para este nosso coração de barro.

Continuando na fidelidade

Como governador do império egípcio, José continuou responsável, fiel e temente ao Senhor. Sua responsabilidade e capacidade foram tais que o Egito se tornou uma potência grandiosa que se foi fortalecendo mais e mais nos anos de fartura e ampliando seu território nos anos da crise mundial.

Como bom administrador, ele fez uso de dois princípios importantes: economizou no tempo da fartura e investiu no tempo da crise. Fico sem entender quando toneladas de alimentos se estragam no Brasil, leite é derramado por fazendeiros, frutas e verduras são jogadas apodrecidas no lixo e pintinhos são mortos para que sua quantidade não venha baratear o preço do frango. José usou da sabedoria de construir um número incontável de armazéns por toda a terra do Egito no tempo da fartura e, com essa estratégia, pôde vender no tempo da escassez e a população foi preservada.

José ganhou muito no conceito tanto da parte de Faraó como do povo egípcio. Ele testemunha que Deus o abençoou e o fez próspero na terra de sua aflição; compreendia que o Senhor lhe dera inteligência e sabedoria para que pudesse passar por aquele vale de angústia.

Em tudo isso não podemos deixar de acompanhar a mão de Deus. O Senhor estava com ele, e por ele executava seu plano que tinha tudo a ver com o desenrolar do programa de redenção da humanidade, tal como: preservar uma família que se tornaria uma nação, que tomaria posse da terra da promessa, que se destacaria entre as nações da terra onde se estabeleceria um povo chamado povo de Deus, que serviria de berço para o Redentor Jesus, onde a igreja seria inaugurada, e o Evangelho da Graça, a partir dali, germinaria nos corações por intermédio daqueles que sairiam anunciando e semeando até os confins da terra a Palavra do Deus que salva.

A mão de Deus é quem dirige

Está nas Escrituras que Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras, inclusive por meio de sonhos, no passado. Pois aqueles sonhos, que tanto irritavam os irmãos de José, eram inspirados por Deus e apontavam para uma realidade próxima. Longe estavam eles de saber que aquele meninoote sonhador tinha um papel reservado no programa de Deus.

Pois bem. O que Faraó sonhou foi exatamente o que aconteceu. Houve fartura e depois fome. A fome chegou à Canaã onde estava a casa de José. Sem alternativa de sobrevivência, seus irmãos e demais habitantes se dirigiram para o Egito a fim de comprar alimento.

Admira-me como Deus é detalhista! Deus não podia fazer tudo tão mais fácil e menos complexo!? Mas, passem! Nossa vida é toda cheia de detalhes! Até na vida de seu Filho vamos encontrar a via dolorosa da Cruz! Ela não poderia ser menos dolorosa? Ele, porém, fez Cristo descer, sofrer, morrer! Não poderia tê-Lo transferido à Glória na hora em que o cálice ficou insuportável? Mas não, Deus o fez morrer! Bem que ele poderia ter subido aos céus, mas foi vestido como os mortos, foi sepultado e, em espírito, desceu aos infernos de onde subiu para ressuscitar! Em todos esses detalhes está o programa da redenção de nossas almas.

A grande verdade é que Deus sabe o que faz! Ele é o Todo-Poderoso! Aquele que com um estalar de dedos abriu o mar vermelho, fez cair o maná do céu e pelo poder de sua palavra criou o mundo!

Eu sei que Deus vem dirigindo a nossa vida de uma maneira muito diferente da que teríamos planejado para nós; e faz isto não por acaso, antes determinou a nossa tripla aqui na terra quando nem existíamos (Sl 139). E, nesse governo soberano sobre a vida humana, Deus vem dirigindo os nossos passos de tal maneira que não cabe ao homem determinar o seu caminho. (Jer. 10.23).

Isto é difícil de explicar tanto quanto de entender, e não temos qualquer possibilidade de contra-argumentar ante a realidade de que nós não temos poder sobre o nosso futuro, nem poder sobre os fatos que chegam, e sequer sabemos o que vai acontecer daqui a pouco ou como será o fim de nossos dias!

Mas Deus sabe o que faz e o porquê faz! Seu governo tem a soberania de planejar e executar. Deus é o Senhor da terra, do céu, do tempo presente e do eterno. Deus é Deus! O Senhor! Ele é o Senhor da vida, das circunstâncias, dos fatos que se sucedem e Autor do diário escrito antes da fundação dos tempos e que se tornará História. Deus sabe o que faz e “cale-se diante Dele toda a terra”.

O reencontro com os irmãos – um encontro profético

O reencontro de José com seus irmãos foi um acontecimento de cumprimento profético que nos ajuda a meditar nesses detalhes divinos que fazem o nosso dia a dia e o enredo de nossa vida. Assim, depois de tantos anos, aqueles antigos sonhos se tornaram realidade. Eis que os irmãos descem para o Egito a fim de comprar alimento! Eles vêm cansados, fatigados, com a pele seca, alma afligida, castigados pela inclemência do sol, pela escassez da água, numa longa e desconfortável viagem. Lá vem aquele grupo de dez homens, homens do campo, cuidadores de gado e ovelhas.

José não tinha a menor ideia da história que Deus estava escrevendo através de sua vida! Menos ainda seus irmãos que sequer podiam imaginar que aquela caminhada desconfortável para o Egito fazia parte de um programa escrito por Deus. Tampouco Jacó, o patriarca, sabia o que estava acontecendo e o que ia acontecer. São estas e outras coisas que fazem com que a vida de um homem seja um mistério nesta terra!

Quando os filhos de Jacó chegam ao Egito e se dirigem para o palácio do governador, José os reconhece imediatamente, mas por eles não é reconhecido. Já se haviam

passado mais de treze anos e José estava com boa aparência, belas vestes, colares de ouro, impecavelmente produzido, exalando os bons perfumes da elite egípcia! Ele identificou silenciosamente cada um deles e percebeu que lá não estava seu querido irmão Benjamim.

Eles se aproximaram como famintos humilhados e se curvaram diante dele. Imediatamente veio à mente de José o sonho que tanto os irritara. Seus irmãos estavam longe de imaginar que aquele importante homem, cercado de honrarias, acompanhado por seguranças, poderoso sobre toda a terra, era justamente aquele que eles odiaram e até cogitaram de matar. Nem imaginavam que aquele era o irmão José que jogaram na cisterna, que venderam como escravo e sobre quem divulgaram a mentira de que um animal selvagem o havia devorado.

E a prova da mentira ainda existia. Era uma capa manchada de sangue que eles levaram para o velho Jacó e que ainda com ele permanecia.

A perseguição familiar que José sofria desde a infância, os anos como escravo e a permanência demorada na prisão fizeram dele um homem que se dedicava a buscar ao Senhor e a meditar em Deus. Ele era temente ao Senhor. Portanto, aquele momento para José era de emoção e alegria, um momento de cumprimento profético, daqueles que trazem confirmação, alegria, esperança, vitória, plenitude. Ali José começou a perceber a mão de Deus se levantando na madrugada da casa de seu pai. Agora, somente agora, ele começa a entender algumas coisas muito importantes que justificavam seus sonhos tão misteriosos e os momentos difíceis vividos por ele.

Percebendo José que seus irmãos não o haviam reconhecido, tampouco conheciam a língua dos egípcios, os interrogou através de intérpretes:

– De onde vocês vêm? Quem são vocês?

– Somos da terra de Canaã. Viemos comprar mantimento porque há fome em nossa terra.

– Vocês são espíões e vieram espionar os pontos fracos do Egito?

– Não, senhor! Viemos comprar mantimento e só. Somos filhos de um mesmo pai. Somos gente honesta. Não somos espíões. Somos de uma família de doze irmãos. Estamos em dez aqui. O mais novo de todos ficou com o pai. O outro não existe mais.

– Há um jeito de provar o que dizem, e vocês não sairão daqui se não apresentarem a prova: tragam aqui o irmão mais novo. Um de vocês vai buscar o rapaz. Os outros ficarão detidos.

E José mandou prender a todos eles numa cadeia.

Três dias depois José tornou a falar com eles: “Vou dar uma oportunidade a vocês para salvarem suas vidas. Deixem um aqui na prisão e os outros vão levar mantimento para saciar a fome dos seus familiares. Depois voltarão para cá, trazendo o irmão mais novo. Assim, vocês provarão o que dizem e não serão mortos.” Naquela hora, os irmãos lembraram o mal que tinham feito e concluíram que mereciam o que lhes acontecia. Diante da situação de embaraço e perigo, a consciência gritou, e um deles falou para os demais: “pesa sobre nós a culpa do que fizemos ao nosso irmão. Vimos quanto ele sofreu! Ele suplicava para

que tivéssemos dó, e nós não fizemos caso! Agora estamos pagando tudo. Agora passamos por esta angústia!”

Os irmãos de José estavam vivendo o dilema da consciência pesada pelos males causados ao irmão e que, de uma hora para outra, começou a perturbar seus pensamentos e a trazer angústia. Anos se passaram depois que colocaram José na cova, mas a lembrança brotou agora com a força de um vulcão adormecido quando emerge da terra.

Os anos de José, entre os dezessete e os trinta, foram vividos em escravidão e prisão. Ele convivia com a bênção de Deus e a realidade da vida. Essa situação pesava em José, mas de uma coisa estejamos convictos: ele estava com a consciência tranquila. O escravo e prisioneiro, mesmo sem liberdade, tem suas dores aliviadas quando sua consciência está tranquila. Seus irmãos, no entanto, embora tivessem permanecido em meio a sua gente, na liberdade do campo, estavam presos e algemados, aqui e ali torturados pelos pensamentos, e inquietados pela mentira inventada por eles para enganar ao pai e a si próprios.

Quando se viram pressionados no Egito e entenderam que poderiam ficar presos, longe de suas famílias e propriedades, bateu uma forte angústia no pensamento deles. Nesse aperto lembraram da face de José em desespero clamando para que não fosse vendido e de que sequer fizeram qualquer coisa para mudarem de opinião, e agora aquela atitude cruel está com o dedo em riste para acusá-los e sentenciá-los. O tempo passou, mas os fatos continuavam vivos na mente deles. O tempo passou, e a mentira ocupou o lugar da verdade. O tempo passou e eles

passaram a acreditar na mentira deles. Diante do que fizeram, seus irmãos firmaram entre si um pacto de silêncio e cada um procurou sepultar o fato, mas nenhum deles se esqueceu do que fizera, e aquelas lembranças os atormentavam. Jamais conseguiram apagar as recordações e levaram a vida carregando incômodos pensamentos. Tantos anos já se passaram, mas as lembranças daquele final de tarde estavam sempre presentes. Havia um pensamento que pesava neles: José.

A consciência deles os incomodava. Estavam em suas terras, em seus trabalhos, com suas famílias, mas sempre se viam abatidos por um pensamento inoportuno e judicial: eles fizeram o que não deviam ter feito com o irmão; mentiram para o pai e para si próprios; desrespeitaram o sentimento do velho Jacó que desde então se recolheu em tristeza esperando a morte por causa da saudade do filho.

É importante repetir: eles estavam livres, mas presos na alma. Diferentes de José que foi para a escravidão e prisão, mas sua alma estava livre por causa de sua consciência tranquila. Bom lembrar Paulo quando escreveu: “... de nada me argui a consciência, muito embora eu não me dê por justificado, porque quem me julga é o Senhor”.

Todos passamos por muitas tribulações na vida, mas deve ficar claro que uma coisa é o enfrentamento das dificuldades com a consciência acusando, e outra é o enfrentá-las com boa consciência. A consciência ferida nos faz sentir distantes de Deus, longe de sua presença e sem o sentimento da comunhão e oração. Quando nossa consciência vai bem, podemos sentir e compreender a presença de Deus mesmo na casa da escravidão, nos corredores da

prisão, na terra distante. Mas, quando ela vai mal, é um horror! Uma tortura!

Ali vemos um quadro vivo e real de duas realidades existenciais: de um lado, um homem livre, abençoado, um instrumento de graça; do outro lado, um grupo de dez homens cansados, abatidos, aturdidos, desorientados, amedrontados.

Não dá para explicar os estratagemas aprontados por José para seus irmãos, como o colocar seu copo na bagagem de Benjamim e dinheiro na dos outros, qual o seu objetivo com isso. Abstenho-me de fazer qualquer comentário posto não ter certeza do que estaria escrevendo, apenas sei que o Espírito Santo aproveitou para fazer o relato de uma história interessante.

O reencontro com Jacó

Após idas e vindas dos irmãos de José, eles trazem Benjamim e finalmente ouvem José falando em sua própria língua, se revelando como o irmão deles. Surpresos, olhavam envergonhados uns para os outros, quando viram José se lançar sobre Benjamim e chorar abraçado ao irmão caçula.

José ordenou que seus oficiais preparassem uma caravana para seus irmãos retornarem à terra de Canaã para de lá trazerem seu pai, que até aquele momento nada sabia sobre os últimos acontecimentos.

O velho Jacó, já vivendo na rotina dos anos, ouviu o barulho de uma cavalgada e de muitas vozes. Viu que seus filhos também vinham. Estes, ao descerem, dirigiram-se ao pai e num supetão disseram: José vive!

O coração de Jacó ficou sem palpitar e ele não acreditou. Essa atitude se dá quando uma notícia nos pega de surpresa. A gente tem a impressão de que alguém toma o músculo de nosso coração, estica-o e depois dá um nó. A gente paralisa, deixa de respirar, de pensar.

Ele não esperava por uma notícia boa dessas e as boas notícias também matam, às vezes. Recordo um amigo do começo de minha juventude que aguardava o parto de sua

esposa. O sonho dele era ser pai e esperava ansiosamente por esse primeiro filho. Depois de algum tempo à espera pela conclusão do trabalho de parto, a porta se abre e a parteira sai com sua ajudante dizendo: “nasceu e são dois meninos!” Ele caiu morto ali mesmo!

A misericórdia divina sustentou o coração de Jacó pois ele precisava ouvir ainda uma outra notícia, imediata: “e José teu filho é o Governador do Egito e ele enviou esses carros para te levar para junto dele!”. Então o espírito de Jacó reviveu e disse: “Basta; ainda vive meu filho José; irei e o verei antes que eu morra”.

E Jacó foi. José quando soube que seu pai estava vindo aprontou-se e foi ao encontro dele. Quando um e outro se viram, José se lançou ao pescoço do velho querido, beijou-o, sentiu aquele cheiro tão familiar dos campos de Canaã impregnado na pele envelhecida de seu pai Jacó e assim permaneceu! E chorou, e derramou aquele rio de lágrima represado desde os primeiros acontecimentos! Chorou abraçado por longo tempo! E Jacó lhe disse: “Já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives!” E Jacó viveu o resto de seus dias na proteção do filho amado.

Conclusão

A história de José se harmoniza com um forte argumento do Espírito Santo: “sabemos que todas as coisas cooperam (conjuntamente) para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rom 8.28). Jamais devemos esquecer que Deus vem executando seu plano de redenção universal e podemos ver isto, de maneira clara, na vida que vem desde Adão e Eva, Sete, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Maria, João Batista, Paulo, você, eu.

Não nos deixemos enganar: o caminho de um homem na terra segue conforme o programado por Deus. Seja ele Faraó ou Moisés; o rei Ciro ou Daniel. É com este olhar sobre a mão de Deus na história que temos de ler a vida, sempre numa perspectiva do programa de redenção divino. A vida segue e Deus nos dirige para o dia do triunfo.

Dissemos por várias vezes que não temos como explicar a nossa vida, tampouco os fatos aparentemente sem ligação durante um dia, os acontecimentos que nos fortalecem ou abalam, incomodam ou nos deixam perplexos. Jamais encontraremos respostas para que nossa caminhada seja explicada, pois, assim como se deu com José, que nada podia dizer sobre o dia em que atendeu ao pedido do

pai para ir ver como estavam os seus irmãos e se deparou com a crueldade da cova, sobre ser conduzido por uma caravana de mercadores de escravos, o rigor da escravidão, a calúnia que prevalecia à fidelidade, a reclusão na cadeia subterrânea de Faraó, a distância, o silêncio tedioso por faltar-lhe alternativas, assim também nós não podemos explicar o nosso caminho. Algumas vezes, e só mais tarde, e se o Senhor permitir, poderemos entender parcialmente o porquê das coisas se terem dado assim.

A complexidade da vida tem os seus mistérios, mas isto não significa que ela esteja simplesmente vagando no universo, sem sentido, navegando para o caos. Não! Nossos dias foram escritos por Deus. Há uma Mente Infinita que escreveu todos os nossos dias e detalhou, nos fragmentos da existência, os fatos que se vão manifestando à nossa frente.

É por isso que nós nunca estamos tão devidamente preparados para enfrentar as coisas que vêm de encontro à nossa vontade, afrontando nossa paz, abalando nossa segurança ou enfermando nosso sentimento. Uma indispensável postura devocional para tais situações é orar e dizer: “Senhor, que seja feita a tua vontade!” Assim orou Jesus.

Jamais devemos perder a consciência de que todos estamos diante dos olhos do Senhor e sob o seu governo. Deus não apenas nos vê, mas dirige os nossos passos. Ele nos conhece e nos sonda minuciosamente, pois até os cabelos de nossa cabeça estão contados. Enfim, Ele sabe tudo sobre nós.

Gosto de meditar naquele encontro de Jesus com Natanael. Este era um judeu orgulhoso e quando Filipe con-

tou que havia achado o Messias e de onde estava vindo, ele ironizou. Mas, mesmo assim, foi conhecer Jesus, que, ao vê-lo, disse: “eis um verdadeiro varão em quem não há dolo”. Natanael diz: “de onde me conheces Senhor?” Jesus respondeu: “Antes de Filipe te chamar eu te vi debaixo da figueira”. Pense nisso: Jesus nos vê! Nos vê na sombra dos arbustos como no pico do monte mais alto coberto por nuvens. Deus sabe onde estamos! Deus conhece tudo a nosso respeito!

Ora, saber que temos um Senhor que nos conhece e dirige nossos passos dá sossego à vida e fortalece o espírito. Que bom saber que não estamos sozinhos na imensidão desse universo e que não dependemos da sorte ou do azar para sabermos para onde vamos! Que coisa maravilhosa é saber que tudo está sob o controle de Deus e ele nos levará a bom termo!

A Escritura diz que não podemos explicar a vida, mas de uma coisa sabemos: nós estamos nas mãos de Deus! Ele é o nosso Senhor! Ele nos fez! Ele escreveu todos os nossos dias! Ainda que a gente diga que não o vê, Ele está sempre conosco, esperemos nele!

Então nos cabe guardar no coração o que nos diz Deus em sua palavra e seguir a estrada estreita que se vai abrindo diariamente diante de nós, com fidelidade e responsabilidade. No temor do Senhor, faremos o melhor em nossas atitudes, sabendo que fazemos parte do programa de Deus neste mundo. Assim, quando, em alguns de nossos dias, Deus nos der os bons momentos, cuidemos para não nos tornarmos arrogantes, soberbos, orgulhosos. Quando, nos outros dias, a tempestade balançar nosso bar-

co, não desmaiemos em nossas forças, pois o Deus que está na bonança é o Deus que está na tempestade. A nós nos resta vivermos a vida e determinadamente cumprirmos o escrito por Deus para cada um de nós.

Numa e noutra situação, o que não podemos é ser infiéis, nem irresponsáveis, e viver um tipo de vida como se Deus não existisse.

É comum correremos o risco, por não entender o que se passa conosco, de duvidar do governo de Deus sobre nossa vida e considerar que Ele nos abandonou e se esqueceu de nós. Não! O silêncio de Deus não significa ausência, ou que ele nos abandonou. Ensinados pela Escritura de que ele é soberano, temos todos os motivos para prosseguir na caminhada e buscá-lo com toda a alma e permanecer firmados nele, pela fé, somente.

Eu sei que muitas vezes a aflição e o sofrimento são tão intensos que chegam a abalar a nossa confiança no Senhor. Homens de Deus passaram por esta situação. Quantas vezes cristãos fiéis já não se desesperaram da própria vida? Mas, precisamos estar bem convictos de que, nesta vida, podemos perder muitas coisas menos a fé em Deus, a fé de que o Senhor está conosco em todos os momentos, seja qual for a situação. Bom é lembrar o que o Senhor diz: “... eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação do século”. É como se ele estivesse dizendo: estou com vocês, sempre, até o final da história da vida de cada homem neste mundo.

Enquanto vivos estivermos, nesta dinâmica peregrinação, naveguemos cautelosamente sobre o rio que se estende à nossa frente, remando para o alvo estabelecido por

Deus. Portanto, não desanimemos nem desmaiemos em nossa alma.

A história termina com um final feliz para José, Jacó, e sua família. Por mais encrocada que for a nossa história, fragmentada em detalhes, a nossa história pessoal também terá um final feliz, pois no último dia da existência os céus serão descortinados e a Cidade dos Remidos será vista por todos os filhos de Deus. Tudo será brilhante como cristal, um tempo perfeito de eterno refrigério, e ali habitará Jesus com todos os seus remidos.

Nossa vida não está se dirigindo para o caos, para a estagnação, para o vazio. Nossa vida está indo para Jesus, para a plenitude da existência, para a Morada de Deus.

Amém e Amém!

Contato

franklinrdavila@yahoo.com.br